

Semente Ancestral - Entre perguntas e metodologias possíveis

Beatriz Moraes Silva¹

Apresentação

O programa Semente Ancestral, desenvolvido desde 2022 pelo NAE - Núcleo de Ações Educativas do Museu das Favelas, é um curso de formação voltado para professores e educadores, com o objetivo de apresentar e discutir temas relacionados aos conteúdos do Museu. A iniciativa incentiva reflexões sobre como trabalhar essas temáticas em sala de aula, elaborando metodologias de ensino alinhadas às narrativas e perspectivas do Museu das Favelas. Além disso, o programa promove atividades e experiências práticas, oferecendo ferramentas pedagógicas que ampliam o diálogo com as culturas, saberes e histórias das favelas.

No âmbito deste programa recebemos, em outubro de 2025, a Rede de Acessos, um grupo aberto, iniciativa do Museu da Cidade de São Paulo, que articula encontros mensais entre educadores de múltiplas instituições culturais, com o propósito de potencializar a experiência de visita às suas instituições, principalmente no que se refere às questões de promoção da acessibilidade.

A realização desta edição do Semente Ancestral foi resultado de uma parceria firmada entre o Museu das Favelas e o Museu da Cidade, a partir da qual recebemos o grupo para apresentar nosso Núcleo de Educação, com o objetivo de fomentar reflexões sobre práticas de educação não formal em espaços culturais, para educadores museais e profissionais de instituições culturais participantes do projeto Rede de Acessos.

O encontro ocorreu presencialmente no Museu das Favelas, um equipamento de circulação, reflexão e preservação das artes, memórias e identidades das periferias brasileiras. Neste encontro, o grupo foi acolhido pelo NAE com uma programação que incluiu uma apresentação institucional e uma visita educativa ao Museu. Durante o encontro, foram compartilhadas as linhas de pesquisa desenvolvidas pelos educadores, bem como a metodologia que atravessa diversas linguagens artísticas, como corporeidade e musicalidade, ações educativas em curso e propostas futuras do Núcleo.

A ação buscou fortalecer os vínculos entre instituições, estimular trocas de saberes entre profissionais da educação e ampliar debates sobre abordagens críticas e plurais na

¹ Bacharel em História da Arte, Designer Gráfico e educadora do Museu das Favelas.

mediação cultural. E, para dar conta desta proposta, organizamos o encontro em três momentos.

Por dentro das metodologias do Núcleo de Educação

O primeiro esteve voltado à apresentação da equipe do Núcleo de Educação, tanto dos trabalhadores atuais, quanto daqueles que já fizeram parte e deixaram suas contribuições, de forma que fosse possível uma visualização geral das ações do Núcleo. Em seguida, foram apresentadas fotos de todas as ações elencadas no nosso organograma, a fim de explicá-las com maior profundidade e acessar os temas propostos, como as linguagens artísticas, narrativas, metodologias, resoluções e maneiras do NAE de fazer educação, dentro e fora do Museu das Favelas.

Recebi o grupo e organizei a apresentação, mas estive com todos os educadores presentes, de modo que cada um pôde falar um pouco sobre seus próprios projetos, com mais propriedade, cuidado e autonomia.

No âmbito dos projetos, foram apresentadas as visitas educativas, o Espaço CHAVE (Arte e Vivência Educativa)², os recursos educativos autônomos, as peças táteis elaboradas internamente, os projetos extramuros (em especial, junto à APD - Acompanhante da Pessoa com Deficiência), a criação de jogos digitais, as contações de histórias bilíngue (Português-Libras), as oficinas de Stickers e Zines, as visitas temáticas, os projetos “Paredão”³ e “Nóis por Nóis”⁴, além das atividades desenvolvidas para o Recreio nas Férias⁵, o “Di Quebradinha”⁶ e o “Semente Ancestral”⁷. Ou seja, foi o momento dos educadores conhecerem quem somos e quais são nossas ações, despertando o interesse pela maneira como solucionamos questões que também são presentes nos seus equipamentos de

² Espaço expositivo-educativo para uso do público de forma autônoma.

³ Faz parte do projeto as frentes: “Baile tá On!” e “Depois do Baile”. Envolve ações de mediação e interações virtuais, com apresentações musicais e bate-papo com artistas musicais das periferias.

⁴ Projeto de Ações Educativas Continuadas com os trabalhadores do Museu, que promove encontros educativos que possibilitam a integração e o desenvolvimento das equipes com os temas e exposições presentes no Museu das Favelas.

⁵ Projeto promovido pela Secretaria Municipal de Educação durante o período de recesso das aulas escolares, que oferece atividades culturais para crianças e adolescentes.

⁶ Projeto realizado em parceria com o Núcleo de Exposições e Programações Culturais, no período de férias escolares, promovendo atividades voltadas ao público infanto-juvenil.

⁷ Curso de formação para educadores e professores, que apresenta e debate questões sobre temas correlatos à curadoria do Museu.

atuação, como a interação com o público interno terceirizado, a criação de peças táteis acessíveis e estratégias para o recebimento de público infantil em programações sazonais.

O segundo momento ficou reservado para reflexão sobre elaboração e aplicação de metodologias educativas, assim como sobre possibilidades a partir dos seus próprios equipamentos. Ao meu ver, ter como proposta pensar sobre a metodologia do Núcleo de Educação, foi uma provocação para parar, respirar (descansar, se permitir imaginar... sonhar...) e refletir sobre o que fazemos – quase que – no automático, desde a mudança de sede⁸ e devido a tantos outros atravessamentos que o NAE (assim como outros núcleos de educação) enfrenta no cotidiano. Para isso, meu primeiro desejo foi ouvir todos os educadores sobre seus entendimentos do que é educação para si mesmos. Para isso, propus uma atividade de escuta e mediação, onde, resumidamente, um educador ouvia sobre “o que é educação” de outro, e compartilhava suas compreensões com o restante do grupo. Esse foi um momento importante, onde pudemos refletir sobre onde nos enxergamos individualmente na educação e como nossas práticas se desenvolvem, mas também onde nos conectamos novamente como Núcleo.

Paralelamente, busquei por algo que conectasse a pluralidade de cada educador em um fazer prático, onde pudesse inserir nossos convidados nessa mesma experiência, e da mesma forma, que eu me sentisse confortável, sabendo que meu fazer individual não passa, de forma direcionada, pela musicalidade e corporeidade, mesmo que indiretamente atravessasse esses temas.

Busquei nos estudos e encontros antigos, formatos que tratassem sobre a maneira de pensar coletivamente a educação no NAE e, nas paredes, encontrei inspirações no resultado de um exercício feito a partir de perguntas sobre o próprio Museu das Favelas.

⁸ Em agosto de 2024, o Museu das Favelas mudou da sede que ocupava no Campos Elíseos para a um novo endereço, na Sé.

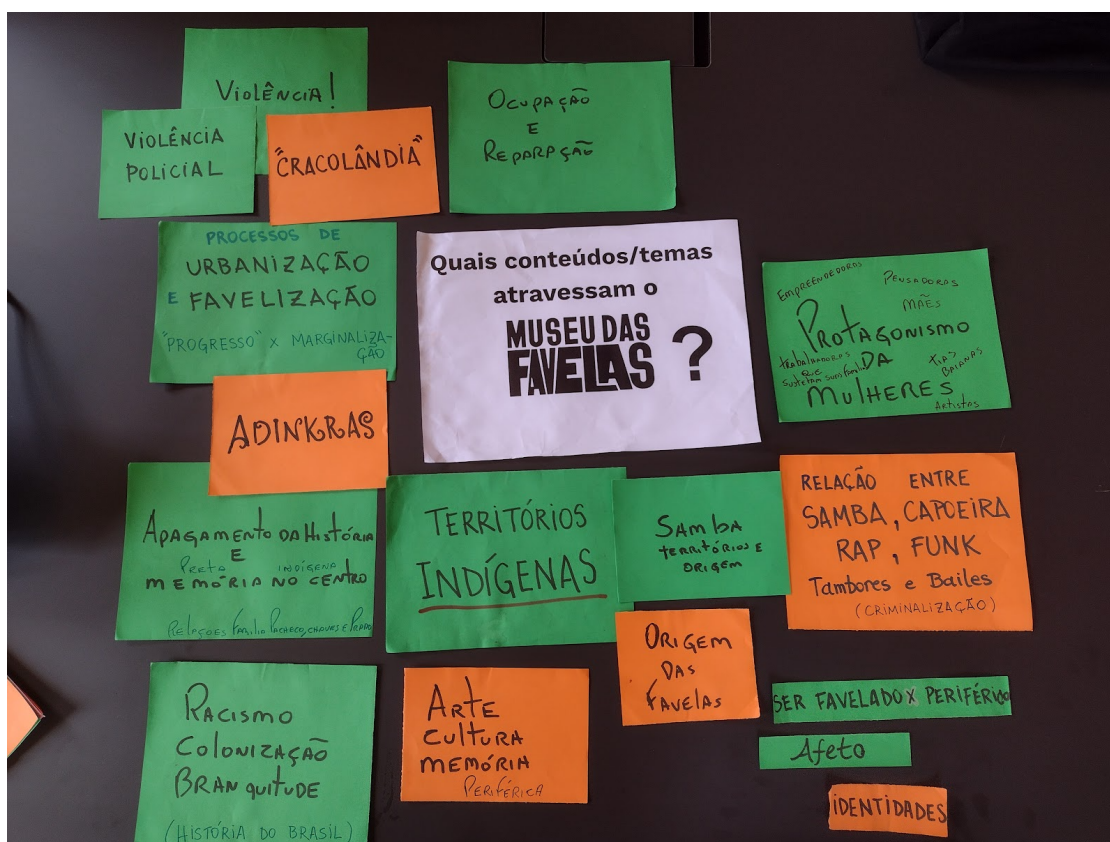


Figura 1: Fotografia do painel instalado na sala do Núcleo de Educação do Museu das Favelas, resultado de atividade realizada para explorar as temáticas que atravessam o Museu, em 2023.

Entendi que as perguntas são pontos-chave que conectam todos os projetos, métodos, educadores e visitantes. São elas que fazem com que nos conheçamos diante de quem estamos, de onde viemos e onde podemos chegar, por isso mantive a crença de que esse seria o mote perfeito para a discussão com outros educadores sobre o fazer educativo em suas instituições.

Sendo assim, depois de uma breve pesquisa, me apeguei à leitura do livro “Por uma Pedagogia da Pergunta”, de Paulo Freire e Antonio Faundez. Para mim, que pouquíssimo estudei sobre metodologias de educação propriamente ditas, buscar um embasamento teórico foi importante para dar nomes e caminhos à práticas que já são presentes na experiência do cotidiano. Com essa leitura, pude reconhecer caminhos de aprendizado e relações entre o educador e o visitante que já existem e estão estabelecidas, mas não eram nomeadas, aconteciam de forma quase natural. Foi uma leitura importante para dar sustentação àquilo que estava proposto a ser discutido, mesmo que não fosse a pauta

principal da apresentação. É um estudo importante para o exercício da função e tem me formado para as demandas do cotidiano.

Em suma, o livro é organizado em formato de diálogo, uma conversa entre dois pensadores latino-americanos, Paulo Freire e Antonio Faundez, que a partir de experiências semelhantes com o exílio e o conhecimento de novas culturas, hábitos e maneiras de viver, trocam experiências enquanto observadores e aprendizes dos novos mundos que acessam. Assim, apresentam a pergunta e a curiosidade, de si mesmos e do aluno-aprendiz, como função-chave para o conhecimento; assim como a observação do cotidiano como fonte primordial de conhecimentos intrínsecos à cultura popular. Mesmo que o livro não trate diretamente sobre o cerne de atuação do Museu das Favelas: a cultura periférica, o modo de se observar o viver, seja seu próprio ou daqueles que são diferentes da nossa realidade, para mim, surge como referência para se pensar em como aproximar ou despertar curiosidade, que posteriormente se torna conhecimento dentro do Museu, por se tratar exatamente de um espaço que discute diversas expressões populares e culturais que nascem de um cotidiano comum: as favelas. Essa maneira pode ser útil tanto àqueles que visitam o Museu com suas próprias bagagens, enquanto pessoas periféricas, quanto para aqueles que buscam conhecer uma realidade distante, até então, imaginada ou conhecida apenas por conteúdos romantizados ou caricatos da grande mídia.

Dessa forma, a segunda atividade (incluída no segundo momento do encontro) se iniciou com a introdução sobre para quê perguntar e a que esse exercício pode nos levar. A partir desse princípio, fizemos perguntas diante de uma imagem latente no imaginário comum de muitos educadores de Artes Visuais, o “Abaporu”, de Tarsila do Amaral. Daí, o exercício de questionar esteve atrelado ao meu fazer: a leitura da imagem. “O que essa imagem representa?”; “Quem está sendo representado?”; “Que história essa imagem nos conta?”; “Quem a desenhou?”; “O que essa artista queria comunicar?”; “Essa imagem representa alguma identidade?”, e diante de tantas perguntas, vezes com respostas, vezes sem, passamos à próxima: “Abapocria”, a releitura feita pelo Coletivo Funkeiros Cults que busca trazer a narrativa de povo brasileiro pra si, contada a partir das suas perspectivas enquanto povo e de seus elementos identitários de autorrepresentação como pessoa e como coletividade periférica.



Figura 2: Abaporu, 1928. Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela.



Figura 3: Abapocria, 2013. Rivotrist. Fotografia.

Dessa análise imagética mediada por perguntas, passamos para o terceiro momento, onde as questões foram direcionadas aos próprios equipamentos dos educadores presentes, inspirados nas atividades já realizadas pelo Núcleo de Educação do Museu das Favelas, como impulsionadoras para os pensamentos e projetos seguintes. Por conhecer o projeto Rede de Acessos e entender que além de se apropriar da instituição é interessante que haja uma troca sobre um assunto proposto, decidi me preparar com um estudo prévio para que essa conversa pudesse levar a caminhos que pensassem sobre metodologias.

A partir da troca com meus colegas de trabalho e do entendimento de que as perguntas moveram e movem não só as discussões, mas também as ações do Núcleo de Educação do Museu das Favelas, chegamos a essa indagação final, que foi feita aos educadores presentes:

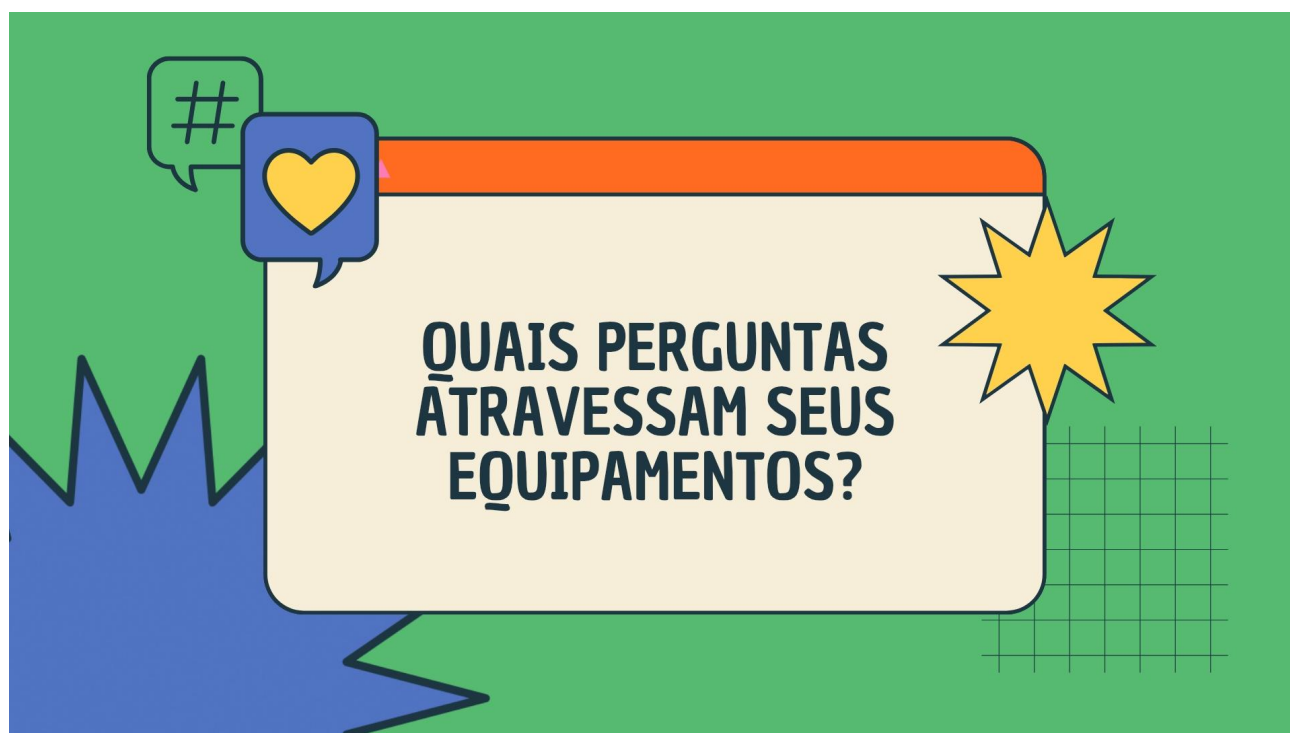


Figura 4: Imagem apresentada no encontro Rede de Acessos. Beatriz Moraes, 2025.

Aqui, como fechamento do encontro, foi o momento em que os educadores-visitantes refletiram sobre seus próprios equipamentos a partir das perguntas que poderiam ser feitas sobre eles. Depois de feitas, cada educador-visitante compartilhou suas perguntas, que vinham acompanhadas de justificativas e, algumas vezes, da própria resposta-solução da questão levantada. Quando não, houve trocas em que soluções de alguns equipamentos eram apontadas como sugestões para aplicação em outros.

O encontro encerrou com esse espaço de escuta e acolhimento, e, principalmente, de reflexões e propostas sobre o fazer da educação.

Referência:

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.